

Editorial – A Extinção das Espécies — *O Evangelho segundo a FCT?*

Editorial – The Extinction of Species — *The Gospel according to FCT?*

DOI: <https://doi.org/10.34619/0pkg-9fhf>

São conhecidos de todos os resultados da recente avaliação dos centros de investigação pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). Dentro e fora dos meios académicos, pela atenção que o assunto mereceu a alguma comunicação social. O processo está longe de estar fechado – terminou a fase de pronúncia prévia pelos centros, ainda sem resposta, e seguir-se-á o período de reclamações. Alguns centros ponderam, de resto, outros meios de acção, incluindo a via judicial, atentos a irregularidades de natureza diversa. Tudo pode arrastar-se por muito tempo, com prejuízo para todos, para a qualidade da investigação e do emprego científico. Como é próprio de tempos conturbados, quando nada parece garantido e não se apuram responsabilidades, o processo ainda pode sofrer alterações de fundo. Poucos acreditam, porém, que isso venha a acontecer, ou que os ajustes futuros alterem por completo a filosofia por detrás do financiamento.

A qualidade das avaliações depende, como se sabe, de critérios estáveis e de júris com composições equilibradas, aspectos que não foram agora respeitados por inteiro e que influenciaram por certo os resultados. Apesar da injustiça das avaliações, ou da sua inadequação, que devem ser discutidas e contestadas em sede própria, ou do desconforto criado por elas – o IEM baixou para Muito Bom, para que conste –, não é nelas que se encontra o problema mais grave, mas na redução brutal do financiamento. Os centros avaliados com Muito Bom tiveram uma quebra superior a 30%, em termos nominais, mas que ultrapassa os 50% se forem contados

os efeitos da inflação entre 2020 e 2024. Pior ainda, foi o fosso que agora se criou, pela primeira vez, entre os centros avaliados com Muito Bom e com Excelente – o diferencial entre eles passou de 21,4% para 300%, com estes a receberem quatro vezes mais que os primeiros. Os efeitos destas decisões, se forem efectivas, podem equivaler a uma catástrofe no ambiente de investigação e levar, a curto prazo, a uma extinção das espécies mais vulneráveis. Por debilitarem o emprego científico e impedirem a fixação de jovens investigadores. Trajectória muito perigosa, que muda os equilíbrios ecológicos e impede a renovação do meio. Como sabem todos os que fazem avaliações, as diferenças entre o Muito Bom e o Excelente são sempre ténues e pouco significativas, dependendo, por norma, doutras considerações. Até mesmo de problemas teológicos mais profundos, ligados à representação do céu (*excelsior*) e da terra (*inferior*), assuntos que são matéria de controvérsia entre as diferentes religiões, ou mesmo entre fiéis do mesmo credo e da mesma religião.

A recordação do passado e dos valores por este transmitidos é uma das melhores formas de lembrar o que é essencial e o que permanece no tempo. De resistir, ainda, às tendências e à usura do presente. Disso falam os dois destaques deste número, saídos do Colóquio *Como a água que corre*, em homenagem ao Professor Luís Krus, um dos fundadores do IEM e o primeiro director da *Medievalista*. Nos artigos de Hilário Franco Júnior e de Arsénio Dacosta encontra-se, aliás, uma análise inovadora das concepções medievais do espaço e do tempo – quando o primeiro absorvia o segundo e antecipava as categorias da física quântica –, ou das geografias imaginárias transmitidas pela cultura letrada da nobreza peninsular. Dois temas explorados com minúcia e rigor e amplamente renovados pelos trabalhos de Luís Krus. Disso tudo se fez aqui memória, por serem testemunhos de investigações de ponta, capazes de trazer novos conhecimentos e de abrir perspectivas para futuras reflexões.

O número actual volta a incluir um dossier temático, de novo coordenado por editores convidados, mas agora sobre a fiscalidade eclesiástica, uma área de estudos de afirmação mais recente. Com uma geografia sobretudo meridional, da Península à Sicília e a Roma, o dossier trata a fiscalidade apostólica, melhor conhecida, sem esquecer a utilização das rendas da Igreja em benefício dos poderes régios, ou mesmo senhoriais, aqui no caso da dízima. Dos méritos destes artigos falam os

coordenadores na introdução respectiva, mas importa destacar a atenção aos agentes fiscais e aos livros de registo e de contabilidade, e, sobretudo, a história muito lenta dos dispositivos fiscais, sempre sujeitos a resistências de várias ordens e a uma negociação contínua entre todas as partes envolvidas. Aspecto de monta mesmo nos dias de hoje, a recordar a importância dos consensos nos equilíbrios entre os vários poderes e destes com os distintos grupos sociais.

Dois outros artigos integram este número, ambos sobre a presença da mulher no mundo medieval. No primeiro, Renata Verezza analisa as razões da invisibilidade do trabalho feminino na Península de finais da Idade Média, por este se realizar em ambiente familiar, em tarefas domésticas mais associadas à reprodução social. Mas não esquece o trabalho produtivo oculto que as mulheres faziam nas casas de família, como a fiação, a tecelagem e a costura, nem a participação destas na economia de troca, como vendedoras de pão, de peixe e de fruta. Por seu lado, Miguel Alarcão recupera os traços da devoção à Virgem nas mais antigas baladas do ciclo de Robin Hood, associando o facto à importância das festividades de Maio e de Maria e ao reflexo destas na literatura medieval. Será a Reforma do século XVI que ocultará esta devoção à Virgem, forçando a troca desta por uma jovem Marian nas versões posteriores daquelas baladas.

As secções fixas da revista trazem contributos mais variados. Nas recensões, Javier Albarrán apresenta uma obra coordenada por Sadr Bilal sobre os cemitérios islâmicos do al-Andalus e do Maghreb, com contributos importantes sobre o processo de islamização, o desenvolvimento das cidades, ou a presença de populações judaicas e cristãs; Francesco Renzi dá a conhecer um estudo de Mario Prignano que recupera a história dos Antipapas, figuras negativamente apreciadas, mas decisivas nas reformas e na trajectória da Igreja; Cátia Teixeira regressa ao tema da mulher, recenseando uma obra de Vitaline Ferreira sobre a presença feminina na legislação medieval portuguesa, que oferece uma visão de conjunto, na qual comparecem as mulheres das minorias religiosas; e, por fim, António Conduto Oliveira recupera os três volumes de fontes que Ralph Moffat reuniu, entre 2022 e 2024, sobre armas e armaduras medievais, que oferecem um glossário padronizado, por certo útil a todos os investigadores de estudos medievais.

Não é menor a diversidade temática e cronológica nas restantes secções da revista. Entre as investigações recentes, destaque para um trabalho que recuperou a fiação e a tecelagem domésticas no al-Andalus a partir dos dados da arqueologia, notando a padronização dos instrumentos e a difusão do tear horizontal, mesmo em contextos rurais, ou para um outro que analisou as memórias do al-Andalus na historiografia mameluca dos séculos XIII e XIV, assinalando a preservação de fragmentos de textos desaparecidos e a circulação de saberes através do Mediterrâneo. Realce de igual modo para um renovado panorama da escultura devocional em Portugal anterior a 1300, quando as imagens de Cristo e de Maria estavam vivas e serviam para aceder às coisas invisíveis, ou para um estudo da fortuna historiográfica de uma crónica do século XVI sobre a jornada de Alcácer-Quibir, com contributos relevantes sobre a reescrita posterior daquele manuscrito, uma prática comum entre os letrados medievais. Dos textos da Varia, por fim, cumpre mencionar a notícia de dois congressos – um sobre o imaginário literário medieval e as reinvenções deste em épocas posteriores, o outro sobre a cerâmica medieval e moderna do Mediterrâneo –, a par da apresentação de um programa interdisciplinar de estudo das paisagens monásticas, de que o IEM foi uma das instituições participantes.

Numa época de incertezas e de inquietações, quando a FCT e o Estado se preparam para alterar as regras de financiamento da investigação, pondo em causa a sobrevivência de todos, e sobretudo dos mais fracos, este número da *Medievalista* recorda e partilha o conforto e a confiança transmitidos pelas figuras maiores do passado da revista e do Instituto, indispensáveis para enfrentar as ameaças do presente. Para manter os caminhos trilhados de abertura à novidade e ao rigor, ao cruzamento de saberes e perspectivas, à crítica e ao diálogo, e, claro à diversidade temática e linguística, sem os quais não se faz ciência, nem se mantém o pensamento complexo. A menos que tudo isto e a vida humana que lhe anda associada desapareçam sob os efeitos de uma catástrofe qualquer.

Luís Filipe Oliveira,
João Luís Fontes

COMO CITAR ESTE ARTIGO | HOW TO QUOTE THIS ARTICLE:

OLIVEIRA, Luís Filipe; FONTES, João Luís – “Editorial – A Extinção das Espécies — *O Evangelho segundo a FCT?*”. *Medievalista* 38 (Julho – Dezembro 2025), pp. 7-11
Disponível em <https://revistas.fcsh.unl.pt/medievalista>.



Esta revista tem uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nd/4.0/).